



L´OEIL absolu

Lina Petraglia

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: linapetra@gmail.com

Resenha do livro

Wajcman, G. (2010). *L´OEIL absolu*. Paris: Denöel, 324p.

O livro *L´OEIL absolu*, escrito por Gérard Wajcman e lançado em 2010, propõe reflexões sobre a incidência que sofremos de um olhar que, como sugere o título da obra, seria absoluto. Tratar-se-ia de um olho que tudo vê, ou quem sabe, que pretende tudo ver por tudo olhar.

O livro tem um estilo interessante, às vezes parecendo que os diferentes capítulos são impressões do autor, que ele anota como quem escreve um diário de observações da vida cotidiana. Por isso, muitas vezes, ao tentar acompanhar suas ideias, acabamos absortos em pensamentos sobre as consequências daquilo que ele propõe.

É muito marcada no texto a importância dada pelo autor ao papel da ciência como o instrumento que direcionou o interesse humano de maneira tão intensa ao campo escópico. Seguindo a linha de Wajcman, a ciência e sua tendência a investigar para retirar tudo das sombras, teria motivado o desejo do homem de hoje de tornar tudo transparente, de ver tudo em seus mínimos detalhes. O autor faz alusão incessante a essa suposta transparência que vivemos hoje. É algo que chama atenção.

Sabemos que a Idade das Luzes retirou o homem do obscurantismo da Idade Média com o advento da razão científica. Ora, para que haja luz, é preciso haver sombra. E a transparência? Seria ela a marca desta "hipermodernidade"? No entanto, para haver transparência não é preciso também haver opacidade? E se não for da opacidade que se trata, então o que é que marca a transparência?

Não há dúvidas de que o autor tem razões para pensar a questão do olhar em nosso tempo. Com as mídias sociais, as câmeras nos telefones celulares, as câmeras de segurança e até as imagens de raio X, fica claro que o homem está cada vez mais obcecado pelo olhar. Resta pensar as consequências deste fenômeno, sobretudo para a psicanálise.

Há um excesso no olhar, é disso que fala Wajcman do início ao fim de sua obra. Mas quais as repercussões deste excesso? Em que ele altera as relações entre as pessoas? Como ele modifica a relação de alguém com a sua própria imagem?

Esta questão da imagem é uma das questões que assola os analistas desde há muito. Será que quando se fala de imagem é possível falar de uma imagem própria? O momento do narcisismo

não é justamente a captura de um complexo imagético no espelho? Não é uma relação com o outro, mesmo que como rival ou semelhante?

E, ao mesmo tempo, será que, por se tratar de uma imagem que vem do outro e precipita o eu, pode-se desresponsabilizar o sujeito quando só o que se sabe dele é o que se dá a ver? Ao tratarmos de imagens, como é que o sujeito é contemplado? Ele está ou não na captura da imagem? E se ele não está ali, onde foi parar?

Em um dos capítulos do livro, aparece a dificuldade de entender do que trata o seguinte argumento do autor: "Para esconder alguma coisa, é preciso que se a reconheça"¹ (Wajcman, 2010, p. 187), do qual se poderia deduzir a recíproca inversa "não é possível exhibir-se sem pudor, senão sob a condição de não se reconhecer inteiramente naquilo que é mostrado"² (Wajcman, 2010. p. 187). É estranha a escolha de palavras, uma vez que, em se tratando do sujeito do inconsciente, não parece possível falar de um reconhecimento completo, ou inteiro de si.

Fala-se de um indivíduo que se expõe às câmeras por não pensar que os olhares o visam como sujeito, o que o desimplicaria da responsabilidade daquilo que se vê dele. Mas, se, segundo Lacan em "A ciência e a verdade", "por nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis" (Lacan, 1966/1998, p. 873), confesso não ter conseguido acompanhar a reflexão proposta pelo autor.

No decorrer no texto, fala-se ainda que o olhar da ciência, ao observar os genes e os neurônios, teria por efeito evacuar o sujeito e, novamente, não parece ser do sujeito do inconsciente que se trata nessa passagem dado que este não pode ser outro senão o sujeito da ciência.

O sujeito não pode ser outra coisa senão este evacuado. Seu lugar é um vazio, justamente, um vácuo. Sujeito barrado, sujeito anulado, sujeito dividido. Ele aparece, fásca, sem nunca estar. É algo que um significante representa para outro significante. Algo. Não uma coisa determinada, já que aparece entre os significantes e, com isso, nunca está do mesmo jeito, nem aparece na mesma posição.

O Sujeito da ciência é um \$. Não há uma verdade universal – Nietzsche já disse que Deus está morto. O que importa ao saber da ciência são suas próprias produções, sem a perspectiva de alcançar um saber total, uma verdade absoluta. O registro da falta, nos clássicos, era suprido por aquele que tudo pode. Na modernidade a ferida está aberta e a cicatriz da falta está marcada no corpo.

Antes, o homem podia dizer que havia uma força divina que controlava do céu à terra e que o salvaria dos sofrimentos, bastava ter fé. Os modernos, por sua vez, não podem recorrer a Deus. A figura do todo não se sustenta nesta lógica. Não há a quem recorrer, a falta está aí e o sujeito terá de se haver com ela.

Mas dizer que Deus está morto não é o mesmo que dizer que ele deixa de operar. Dizer que a ciência não se ocupa de uma verdade universal, aquela divina, absoluta, não é o mesmo que dizer que não há verdade alguma e que não há nada que se possa saber. Esta é justamente a questão. A da modernidade, pelo menos.

Ainda, ao explorar a dialética do mostrar-se e esconder-se em determinado trecho, o autor fala que "mostrar não é forçosamente mostrar-se, mas que esconder sempre é esconder-se"³ (Wajcman, 2010, p. 188), o que não facilita localizar de que sujeito o autor está tratando no texto. Sabemos que não é simples delimitar o significado deste "se" presente em "mostrar-se", mas parece que pelo viés da psicanálise deve haver sim algo do sujeito que passa naquilo que se mostra. Não é transparente, nem óbvio, nem permanece no tempo, mas aparece num instante, para desvanecer no outro.

Wajcman parece sugerir que a ausência de pudor que presenciamos hoje por parte daqueles que se mostram às câmeras que nos cercam, tratar-se-ia de uma falha no reconhecimento de que aquilo que é mostrado são eles mesmos, ou, somos nós mesmos. Mas, ao falarmos do sujeito do desejo, parece uma espécie de fuga retirar a responsabilidade daquilo que se dá a ver ao Outro, mesmo que velado, sob uma vestimenta qualquer. Mostrar-se sem saber o que se está mostrando não parece muito diferente do tal "não querer saber nada disso" de que tanto falamos e sabemos que não implica um não saber. A outra cena parece estar presente também no mostrar-se de que fala o autor.

Wajcman levanta o que chama de "hipótese paranoica" de um mundo que deixa de ser *omnivoyant* para ser *omnivoyer*. Questiona-se sobre a possibilidade de escapar deste olhar absoluto, desta loucura de tudo ver. Certamente este é um problema que se impõe nos dias de hoje. Mas em que ele afeta nossa prática? Como não escapar deste olhar já que sabemos que esta transparência a que se diz que a ciência visa, não dá conta do sujeito? Não é a ele que ela visa.

A ciência tratará de não se ocupar do anulado, de não observar o hiato que há entre o lugar reservado ao sujeito e sua própria anulação. Ela se ocupará de comparações entre seus objetos, operando entre eles relações de causa e efeito. Mas este efeito de causalidade não apresenta sempre uma imprecisão no que diz respeito ao seu produto? Pois bem, é deste hiato mesmo que se trata. A regra da razão é a comparação, e o que é comparar senão assumir a irredutibilidade de uma coisa à outra? Aí está o furo novamente. A causa não é racionalizada, não há como integrar um a outro, e resta o efeito significante. O significante representa, mas apenas para um outro significante. Não há um significado para um significante, o que há são significantes do Outro que representam o sujeito. É pela operação significante que se produz necessariamente um resto, algo de inefável que foge à representabilidade. E é este resto que opera como objeto causa de desejo, definido por Lacan como objeto *a*. O objeto causa de desejo aparece em diferentes lugares na articulação da fantasia do sujeito. Não há um objeto que encarne necessariamente esta função, os objetos se alteram e permanecem desejáveis apenas enquanto faltosos. Não parece que a suposta transparência possibilitada pelas imagens resolva nenhum destes problemas. Por outro lado, é difícil precisar em que ela alteraria estas relações.

Não seria possível, por exemplo, pensar este dar a ver excessivo apenas como outra forma de esconder? Qual a diferença entre a estrutura deste fenômeno e a do semblante? Parece que

pensar a transparência é pensar que há um dentro e um fora - algo que com seus esquemas topológicos, Lacan deixa cair -, é pensar uma psicologia das profundezas que o próprio Freud desmente. A transparência, assim como o tudo ver, são questões a serem colocadas. Sim. Mas de onde advém a importância do absoluto do olhar de que fala o autor para a psicanálise?

É algo que, com Wajcman, ainda temos que pensar e discutir longamente para quem sabe, um dia, resolver.

Notas:

¹ No original: "Pour cacher quelque chose, il faut s'y reconnaître" (Wajcman, 2010, p. 187).

² No original: "s'exhiber sans pudeur ne se peut finalement qu'à la condition de ne pas se reconnaître entièrement dans ce qu'on montre" (Wajcman, 2010, p. 187).

³ No original: "montrer n'est pas forcément se montrer, mais que cacher c'est toujours se cacher" (Wajcman, 2010, p. 188).

Referência Bibliográfica

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho originalmente publicado em 1966).

Citação/Citation: Petraglia, L. (mai. a out. 2015). L'OEIL absolu. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(20), 84-87. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n20p84-87

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 28/07/2015 / 07/28/2015.

Aceito/Accepted: 19/08/2015 / 08/19/2015.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.